

**GASPAR RUIZ E UM PAR
DE OUTRAS ESTÓRIAS**

AMOSTRA

JOSEPH CONRAD

GASPAR RUIZ

e um par de outras estórias

Tradução de
Antônio Guimarães Pinto



MINOTAURO

Gaspar Ruiz e um par de outras estórias

Copyright © 2026 Minotauro

Minotauro é um selo do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2026 Joseph Conrad

ISBN: 978-65-6143-082-1

Translated from original *Gaspar Ruiz* © 2015 Joseph Conrad. ISBN 997-89-8968-016-01. This translation is published and sold by *Esfera do Caos*, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Minotauro, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C754G

1. ed. Conrad, Joseph

Gaspar Ruiz e um par de outras estórias / Joseph Conrad;
tradução Antônio Guimarães Pinto – 1. ed. Rio de Janeiro :
Minotauro, 2026.

152 p.; 16 x 23 cm

Título original: Gaspar Ruiz.

ISBN 978-65-6143-082-1

1. Literatura inglesa. 2. Contos ingleses. 3. Romance
histórico. 4. Narrativas de guerra. I. Pinto, Antônio Guimarães.
1. Título.

CDD 823.912

Índice para catálogo sistemático :

1. Literatura inglesa – Contos – Traduções 823

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal. O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis a obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtor Editorial: Eduardo de Prouença

Tradutor: Antônio Guimarães Pinto



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora

afiliada à:

ASSOCIADO



DUAS NÓTULAS DO TRADUTOR

AMOSTRA

AMOSTRA

Gaspar Ruiz, publicado pela primeira vez em 1906, nos números de julho a outubro da revista *Pall Mall Magazine*, é uma das peças narrativas que integram o volume *A set of six*, cuja primeira edição, com a chancela da Methuen & Co., viu a luz da publicidade em Londres, no ano de 1908. Nesta primeira recolha em livro cada uma das composições trazia um subtítulo, que deixou de figurar nas edições posteriores, cabendo a *Gaspar Ruiz* o rótulo *a romantic tale*. Numa reedição, feita em 1920, Conrad antepôs à coletânea uma *Nota do Autor*, na qual, a propósito da obra que agora se publica pela primeira vez em tradução portuguesa, dá as informações seguintes, que creio interessante transcrever:

O que melhor recorde acerca de *Gaspar Ruiz* é que foi escrito, ou de qualquer maneira iniciado, no mês que se seguiu à conclusão de *Nostromo*;¹ mas, para além da localização, que abarca um âmbito vastíssimo (todo o continente sul-americano), o romance e a história nada têm em comum, nem no tom, nem na intenção, nem seguramente no estilo. O cunho, em grande parte da obra, é o do General Santierra, e esse velho guerreiro, com agrado o consigno, é muito sincero consigo mesmo em tudo. Olhando agora serenamente para as diferentes

1. Setembro de 1904.

formas nas quais esta narrativa poderia ter sido apresentada, não consigo honestamente considerar o General como supérfluo. É ele, um ancião falando dos dias da sua mocidade, quem caracteriza toda a história e lhe confere uma atmosfera de realidade que eu duvido se poderia alcançar sem a sua ajuda. Decerto que ele não seria de qualquer utilidade na mera escrita da sua existência, porque tudo teria que ser cuidadosamente ajustado aos moldes da sua mente singela. Mas aqui não se vai além de uma laboriosa procura de reminiscências. O que agora sinto é que a história não poderia ter sido narrada de maneira diferente. Encontrei a sugestão para a personagem Gaspar Ruiz num livro escrito pelo capitão Basil Hall, R. N., que durante algum tempo, entre os anos de 1824 e 1828, foi oficial superior de um pequeno esquadrão britânico que atuou na costa leste da América do Sul. O seu livro, publicado nos anos 1930, obteve uma certa popularidade e eu suponho que ainda pode encontrar-se em algumas bibliotecas. Remeto os curiosos que podem estar desconfiados da minha imaginação para o segundo volume desse documento impresso: esqueci a página, mas é algures perto do final. Outro documento ligado com esta história é uma carta (que não pretendo tornar acessível ao leitor), de tom mordaz e irônico, de um amigo, então na Birmânia, censurando duramente o episódio do “cavalheiro com o canhão às costas”. Todavia esse episódio aconteceu realmente, ou pelo menos sou obrigado a acreditar nele porque dele me lembro, descrito em tom extremamente factual, em algum livro que li na minha mocidade, e não vou rejeitar as crenças da minha mocidade em atenção seja a quem for da terra.

Os leitores lusófonos de Conrad, por muito imunes que sejam a pruridos ortográficos, não deixaram de se dar conta do desmazelo com que sistematicamente surgem grafados, nos livros de ambiente asiático, nomes de terras ou pessoas de uma forma ou de outra ligadas à presença lusitana por aquelas paragens. A impressão que acaba por ficar é a de que esse desleixo gráfico mais não é do que um dos sintomas da visão francamente negativa que o escritor tinha do “colonialismo” português, que, se bem entendemos o que as suas referências esparsas a homens e a fatos históricos e sociais parecem sugerir, se saldou, em sua opinião, por um mestiçamento sórdido e um aviltamento e decadência “raciais”, impiedosamente caracterizados e, por vezes, ridicularizados em vários passos da sua produção narrativa. Mas esse é assunto a merecer particular estudo, que sugerimos a quem alie um sólido conhecimento da obra do nosso Autor com uma despreconceituosa e sistemática intimidade com a história das colônias portuguesas no Oriente no século XIX.

No caso de *Gaspar Ruiz*, de temática sul-americana, uma quase igual sem cerimônia se verifica na forma pouco escrupulosa em como aparecem grafados vocábulos pertencentes à realidade histórico-linguística, na vertente hispânica, daquelas regiões. Desde o sargento *Ernasto* até ao sobrenome de um dos heróis da independência do Chile (Carrera, a quem expedita e liberalmente Conrad adita um *s* final), passando pelo léxico comum mais diretamente encaminhado a dar a “cor local”, o rol de hispanismos desta novela tem o mérito singular de quase nunca acertar na correta grafia das palavras a que o Autor recorreu. Dado o viés

caracterizador da psicologia do Autor, que tais incorreções possivelmente entranham, pareceu-me útil conservar inalteradas essas formas, de resto na maioria dos casos facilmente inteligíveis para o leitor de língua portuguesa.

O mesmo escrúpulo me levou também a, dentro do que é consentâneo com as práticas usuais na escrita da nossa língua, ter optado por respeitar as peculiaridades do Autor na apresentação material do texto: parágrafos, indicadores de discurso direto, pontuação. Quanto à questão primacial do registro de linguagem, o avisado leitor sabe como é difícil caracterizar o estilo da prosa inglesa de Conrad, em que uma grandiloquência de ressonâncias bíblicas se casa com o mais chão prosaísmo comercial, que, por vezes, dá o passo a inesperados assomos de recatado lirismo. Vez ou outra, depois de um terso pedaço de bela prosa, o fio discursivo embarça-se, claudica e sentimos que a língua do Autor se enleia e entaramela: situações, mesmo assim, relativamente raras, mas que servem para nos trazer à memória que o inglês não era a sua língua materna. Nestas condições, procurei vazar esta versão num português desempeçado, direto, o menos possível “telúrico” ou “vernacular”, ou seja, o mais possível longe dos numes de um Guimarães Rosa, de um Aquilino ou de um Camilo. Não esqueci também que Conrad nasceu em 1857, o mesmo ano em que viram a luz o brasileiro Aluísio Azevedo e o português Fialho de Almeida, partilhando de experiências e inserindo-se numa mundividência diversas das nossas, razão pela qual tive alguma preocupação em, dentro do possível, lhe isentar a linguagem de certos modismos, ritmos e vocábulos que o pudessem tornar demasiado contemporâneo nosso. Ao leitor caberá dizer se o consegui.

Para concluir, apraz-me dedicar este modesto labor tradutório à memória de meu pai, Arnaldo da Silva Pinto, precocemente arrebatado ao convívio de seus oito filhos, o que não obstou a que lhes incutisse, além do amor da justiça e da verdade, o carinho pelo idioma inglês.

Antônio Guimarães Pinto

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO

Em 2015 atrevi-me a publicar a primeira versão em português da novela *Gaspar Ruiz*, inexplicavelmente deixada de lado pelos tradutores de Brasil e Portugal. Ainda que desamparado de padrinhos e ignorado pela crítica oficiosa, logrou o livrinho fortuna fagueira entre os leitores de aquém e além Atlântico e encontra-se ausente das estantes das livrarias de Brasil e Portugal há um par de anos. Acedendo ao convite da Alta Books, proponho-o agora em edição mais encorpada, uma vez que o decidi arredondar com a companhia de dois contos, *Os idiotas* e *O delator*, que não costumam figurar entre as narrativas breves mais amiúde antologizadas do ilustre escritor anglo-polonês.

Quanto a *Os idiotas*, teve a primeira edição na revista *The Savoy*, em outubro de 1896, e possui a dupla particularidade de constituir, por um lado, o resultado literário, se assim cabe dizer-se, da sua lua de mel em terras da Bretanha, em março e abril daquele ano, e, por outro, a de ser o primeiro conto publicado pelo autor, que iniciara a sua atividade literária no ano anterior, com o romance *A loucura de Almayer*. Ao incluí-lo entre as cinco narrativas que integram a coletânea *Tales of unrest*, editada, em Londres, por T. Fisher Unwin, no ano de 1898, Conrad, na “Author’ note”, que clarifica a génese e precede a apresentação dos textos ali compilados, consagra a “The idiots” as duas seguintes minguadas linhas:

Os idiotas é uma obra literária tão obviamente imitativa que me é impossível dizer aqui alguma coisa acerca dela. A

inspiração para ela foi visual, e não intelectual: os idiotas reais.

Com o que hoje nos parece exagerada modéstia, Conrad encarece o magistério dos mestres do Realismo/Naturalismo francês, que foram tão determinantes na sua formação, técnica e gosto literários. De fato, o modo como se exprime pode levar a supor que, com *Os idiotas*, o autor não pretendeu ou conseguiu mais do que, sob as aparências de uma espécie de pasticho, homenagear publicamente alguns, mas sobretudo um, dos seus admirados mestres galos, e pensamos logicamente em Guy de Maupassant. Ora, esta suposição não é verdadeira, independentemente do grau de sinceridade com que o nosso autor escreveu aquelas palavras, porquanto, como o leitor assentirá ao chegar ao final da leitura do conto, trata-se de uma pequena obra-prima, valiosa por si mesma, e onde, tanto o estilo como as coordenadas do pensamento e mundividência alcançam uma altíssima expressão, que é plenamente conradiana.

No que tange a *O delator*, saiu inicialmente no número de dezembro de 1906 da *Harper's Magazine*, e foi editado pela primeira vez em livro no volume *A set of six*, que data de 1908, e no qual imediatamente se segue à novela *Gaspar Ruiz*. No preâmbulo escrito para a reedição deste livro feita em 1920, Conrad dedica ao conto *O delator*, e a outro que ali se publica de temática congênere, o seguinte comentário:

Acerca de *O delator* e *Um anarquista* não vou dizer quase nada. A genealogia destas narrativas é desesperadamente intrincada e a esta distância de tempo não vale a pena desemaranhá-la. Dei com elas e aí vão. O leitor esquadrinhador há de conjecturar que eu as achei na minha cabeça; mas esqueci-me quase completamente de como elas ou os seus elementos ali foram parar; quanto ao resto, não

vejo de fato por que motivo é que devo entregar-me mais do que já fiz.

De forma intencionalmente ambígua, o autor sugere passadas conexões com os meios ácratas, das quais lhe teria supostamente provindo parte do material que literariamente elaborou nas várias narrativas cuja temática gira em torno do radicalismo político-revolucionário de cariz anarquista. Dada a sua situação de elemento exógeno na sociedade inglesa para a qual escrevia, Conrad viu-se quase sempre na necessidade de procurar intrigas e personagens que, dentro do possível, estivessem à margem da burguesia insular ‘ortodoxa’ e das suas instituições e costumes, que só conheceu tarde e com relativa superficialidade. Daí a necessidade de apelar para o ‘exótico’, tomando este vocábulo em acepção muito vasta, que, no caso da obra conradiana, engloba os âmbitos da geografia (sobretudo tropical e subtropical), do colonialismo nos seus múltiplos avatares (desde o caudilhismo sul-americano à exploração capitalista selvagem levada a cabo pelo imperialismo europeu oitocentista em África e na parte insular do Sudeste Asiático), da ficção histórica (ligada, cronologicamente, sobretudo com as primeiras décadas do século XIX, e tendo muitas vezes como pano de fundo a geografia francesa) e da política de grupos radicais subversivos que atuam à margem e contra a sociedade (os anarquistas). Neste último tipo de ‘exotismo’ se insere o conto *O delator*, a que o autor após o subtítulo de “uma narrativa irônica”, qualificação com a qual o política e ideologicamente cético Joseph Conrad, talvez pretenda verberar a hipocrisia de certos elementos sociais, aos quais coube um bom talher no banquete da vida, mas que, por amor da pose e no desejo de acatarem o que cuidam ser o que, com linguagem de hoje, chamaríamos o politicamente correto, acabam por, de modo ridículamente irresponsável, cavar a sua própria sepultura.

Esperando que o leitor aprecie a opção que fizemos por estes três textos, tão diversos na temática quanto por igual assinalados com o genial cunho

de Joseph Conrad, fazemos votos para que a transposição que deles fizemos para a nossa lusitana língua não lhe cause engulhos e lhe ofereça alguns momentos de espiritual aprazimento.

Antônio Guimarães Pinto

Manaus, 25 de fevereiro de 2024